género y democracia y trabajar con un corpus de revistas surgidas entre finales de los ochenta y comienzos de los noventa; el de Roxana Patiño, al reflexionar sobre los suplementos literarios, a los que concibe como un sistema de textualidades que generan un sentido inmediato de la literatura de un momento dado y el interesantísimo texto de Avellaneda, al relatar la trayectoria de las revistas que piensan a América latina desde los Estados Unidos, una trayectoria de la cual forman parte, tanto el libro reseñado como este número de la revista *Iberoamericana*.

ADRIANA KANZEPOLSKY

ANA LUIZA MARTINS. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo. 1890-1922*. São Paulo: EDUSP; FAPESP; IMESP, 2001.

Revistas em revista, de Ana Luiza Martins, é muitos livros ao mesmo tempo: é obra de referência fundamental, completa, exaustiva, que cobre sem deixar lacunas todos os campos da produção de revistas periódicas na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1922. É obra analítica densa que situa em seu contexto todas as publicações que apresenta, procurando dimensionar seu significado no quadro mais amplo do impresso no Brasil. E é também grande contribuição ao conhecimento do processo de construção da identidade paulistana no âmbito de um de seus principais suportes documentais: a imprensa periódica.

Ao apresentar as revistas paulistanas na *Belle Époque* em sua multiplicidade e na variedade de temas e de públicos a que se destinou, o livro acaba produzindo uma panorâmica da cultura paulista, acompanhando o processo de transformação da São Paulo provinciana do século XIX na grande metrópole do progresso do século XX. Acreditando no que dizia a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (IHGSP), lançada em 1895 –“a história de São Paulo é a própria história do Brasil”– as revistas paulistanas investiram na celebração do progresso, na criação de seu próprio mito.

Tematizando suas séries, analisando títulos que espelharam as práticas culturais do período, inferindo persistências e inovações daquela sociedade, Martins ressalta a importância de aspectos laterais como o crescimento da indústria do papel; o aumento do número das gráficas e os progressos técnicos do setor; além de nos dar uma idéia das condições de trabalho dos operários do ramo e de seus primeiros movimentos reivindicatórios. Ela também situa o progresso das revistas no contexto da economia cafeeira e do processo de industrialização de São Paulo.

Cobrindo um amplíssimo espectro que vai das revistas institucionais, como a do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a do Museu Paulista, até as revistas esportivas, femininas e infantis, o livro esgota o assunto ao registrar até o papel de revistas que tiveram menor importância naquele contexto como as religiosas, as educativas e as teatrais. Mas joga luz sobre a importância, em um Estado cuja maior riqueza vinha da terra, de revistas agrárias como *O Fazendeiro* e a que tinha o delicioso nome de *Chácaras e Quintais* onde Júlia Lopes de Almeida chegou a escrever. Sem dúvida esta é uma marca

específica, pois em São Paulo as revistas agrárias cumpriam um papel que dificilmente teriam no Rio de Janeiro.

Nas primeiras páginas do livro, a autora nos proporciona uma história geral das revistas brasileiras, inclusive as que se publicavam no estrangeiro como a *Revue de Brésil* que, entre 1896 e 1897, cumpriu papel esclarecedor produzindo informações sobre o país então praticamente desconhecido no além-mar. Esta foi seguida depois pela *Ilustração Brasileira*, que era impressa em Bordéus, de 1901 a 1902, procurando copiar o aspecto luxuosíssimo das revistas francesas do gênero. Martins destaca como modelo de revista feminina deste gênero *A Estação*, continuação brasileira da publicação francesa *La Saison*. Aliás, os capítulos que tratam das revistas femininas e da presença da mulher no contexto dessa imprensa são os melhores do livro.

Contrastada com a produção do Rio de Janeiro-Capital Federal, não se pode afirmar que a produção paulistana daquele período tenha representando um papel transformador ou revolucionário. Mas o que o trabalho de Martins nos revela, para além do que se propunham essas revistas, é a riqueza, o progresso e a vontade de civilização que estiveram presentes naquele intenso movimento de transformação que marcou a *belle époque* paulistana e que, sem dúvida, possibilitou a eclosão ali do Modernismo e das arrojadas revistas que o informaram.

ISABEL LUSTOSA